



Esteban Bieda (2020) *Sófocles, Édipo Rey. Estudio preliminar, traducción y notas*. Edición bilingüe. Buenos Aires: Winograd, 310p. ISBN: 978-987-4472-13-7. \$1400

Clara Lacerda Crepaldi (Universidade de São Paulo)
claracrepaldi@usp.br

Com o propósito explícito de trazer a tragédia de Sófocles para o contexto das letras argentinas, o professor e pesquisador Esteban Bieda nos apresenta sua tradução em prosa, acompanhada de estudos e notas.

O livro começa com um estudo preliminar em cinco capítulos, que podem ser lidos independentemente como cinco mini estudos. No primeiro, “El mito de Édipo en la cultura griega clásica”, o autor apresenta as versões anteriores do mito de Édipo, apontando as possíveis inovações sofocleanas. O capítulo inclui uma boa discussão sobre a concepção grega de destino, com a explicação de que Édipo, longe de ser uma marionete do destino, é também responsável por sua *moira*. Já o segundo capítulo, “La tragedia griega clásica”, faz uma breve introdução ao contexto político e religioso dos festivais em que as tragédias eram apresentadas. Em conexão com o tema, o autor cita os latino-americanos Gabriel García Márquez, para quem *Édipo Rei* seria a história de detetive perfeita, e Ricardo Piglia, o qual postula, em suas “Teses sobre o conto”,¹ que um bom conto deve contar duas histórias, uma visível e outra invisível, e deve terminar quando as duas se encontrarem – exatamente como no *Édipo Rei*. Manejando habilmente essas referências contemporâneas, Bieda aproxima a tragédia do nosso contexto sócio-histórico e aguça a atenção do leitor.

¹ R. Piglia (2004) Teses sobre o conto. In: *Formas breves*. 1ª edição 2000, Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras.

O terceiro e mais longo capítulo, “*Edipo rey*, de Sófocles”, faz um apanhado dos temas mais notáveis da peça, entre os quais estão: a tensão entre opostos (luz x escuridão, ignorância x conhecimento, mácula x purificação etc.), o caráter do herói trágico, a questão do destino (*moira*), o tema dos deuses e oráculos, reconhecimento e peripécia, a tirania, a *hybris* e o exílio de Édipo, além de discutir a leitura freudiana do mito e suas repercussões. Destaco aqui a comparação que o autor faz entre as figuras de Édipo e o Sócrates da *Apologia*. Como Édipo, “Sócrates (i) recibe un oráculo; (ii) no comprende su significado profundo; (iii) considera el oráculo debe estar equivocado, dado que dijo algo que no esperaba escuchar; (iv) se lanza a intentar refutarlo tomando una dirección en principio opuesta a la que el oráculo indica” (p. 80). Por fim, Bieda cita o professor e ensaísta Horacio González para falar do conflito entre esfera pública e privada e sobre o tema do nome,² uma questão central no contexto dos desaparecidos da ditadura argentina, que é também importante para a tragédia grega. Na tragédia de Sófocles, Édipo tem um nome público e um privado que não coincidem: ele é Édipo de Tebas publicamente, mas Édipo de Corinto segundo ele mesmo. Além disso, a própria etimologia de Οἰδίπους, se realmente quiser dizer “pés inchados”, revela parte importante da sua história: o episódio da exposição no Citerão. “Édipo” seria, então, nas palavras de González, aquele tipo de nome familiar ou recôndito “que nos señala o nos espera” (p. 83).

Bem mais sucintos, os capítulos quatro e cinco apresentam, respectivamente, uma interpretação existencialista do *Édipo Rei*, que conjuga a filosofia de Sartre com o tema do bem viver da filosofia grega e uma leitura da tragédia como reformulação dos valores tradicionais. No primeiro, Bieda defende que, somente quando decide pela automutilação e pelo exílio, Édipo começa a viver uma vida humana autêntica, como alguém que sabe quem é e o que faz. No segundo, o autor discute a atmosfera intelectual do século V a.C., apontando como a filosofia, a sofística e uma progressiva descrença nos deuses tradicionais podem guiar a leitura da tragédia que se desenvolveu no mesmo período.

Após esse estudo preliminar, o livro inclui três apêndices que funcionam como três pequenos ensaios, de três outros autores argentinos. São eles:

² H. González (2014) Nombre, identidad y memoria. In: *Página/12*. Disponível em <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-252770-2014-08-12.html>. Acesso em: 31 jan. 2023.

“Antiedipo rey y nuestra Tebas contemporánea”, de Axel Cherniavsky, “La tradición de los enigmas en la antigua Grecia”, de Mariana Gardella, e “El teatro y la peste” de Luciano Ciruzzi.

A edição utiliza o texto grego de Alphonse Dain,³ mas aceita lições diferentes em 40 passos apresentadas pelo autor em formato de lista, mas sem justificativa individual de cada variante. A tradução em si é em prosa clara e elegante – no que me permite julgar meu conhecimento limitado da língua espanhola – e vem acompanhada de vastas notas explicativas (503 no total), que comentam língua, estilo, mito, geografia e religião, entre outros temas.

É de se lamentar a baixa circulação de livros argentinos no mercado brasileiro. Como de resto, permanecemos um tanto apartados da cultura dos países hispanofalantes que nos rodeiam. Como nós, os argentinos têm uma relação complexa com os modelos da cultura europeia, diante da qual a identidade nacional se constrói e reconstrói. No livro em questão, é notável o esforço do autor em conjugar os temas da tragédia grega com questões culturais contemporâneas, esforço que aparece de forma muito orgânica também nos apêndices de Cherniavsky e Ciruzzi. Comparado aos modelos mais conservadores de estudo e tradução que se atêm apenas ao contexto clássico, essa edição de Bieda é um refresco e uma inspiração.

Escritos de forma simples, mas competente, os capítulos dos estudos preliminares funcionam como ótimas introduções ao *Édipo Rei* e podem ser indicados em cursos universitários introdutórios. Faz falta apenas uma bibliografia acadêmica mais completa e atualizada para que o aluno avançado possa se aprofundar no estudo da tragédia (é inoportuna, por exemplo, a citação à obra obsoleta de W. Nestle).⁴ De um modo geral, a edição é eficiente, livre de erros e entrega o que promete, sendo uma boa aquisição tanto para alunos de graduação quanto para o público leigo interessado na tragédia de Sófocles.

Índice

Estudio preliminar por Esteban Bieda

I. El mito de Edipo en la cultura griega clásica

³ Sophocle, *Tragedies. Tome II: Ajax – Oedipe Roi – Electre*. Texte établi par A. Dain et traduit par P. Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1958.

⁴ W. Nestle (1951) *Historia de la literatura griega*. Primera edición 1923. Barcelona: Labor.

II. La tragedia griega clásica

a) La función política de la tragedia griega clásica en Atenas

b) Mito y tradición

III. *Edipo rey*, de Sófocles

a) La obra y algunos de sus temas

b) Los dioses y los oráculos

c) El final, un nuevo comienzo

d) El descubrimiento de sí

e) Reconocimiento y peripecia: la huella de Aristóteles

f) Sombras freudianas

g) Edipo, un «tirano» entre la *hybris* y el exilio

h) Edipo y Sócrates

i) Algunos temas adicionales

IV. *Edipo rey* en clave existencial

V. Inversiones y apariencias: la tragedia frente al fantasma del vaciamiento del mundo

Apéndice I. Antiedipo rey y nuestra Tebas contemporánea, por Axel Cherniavsky

Apéndice II. La tradición de los enigmas en la antigua Grecia, por Mariana Gardella

Apéndice III. El teatro y la peste, por Luciano Ciruzzi

Data de publicação: 02/06/2023